



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação

Beatriz da Silva Rezende

**EDUCAÇÃO E CONTRADIÇÕES: UMA REFLEXÃO SOBRE A DUALIDADE
ENTRE OS SENTIRES**

Brasília
2022

Beatriz da Silva Rezende

Educação e Contradições: uma reflexão sobre a dualidade entre os sentires

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação de Prof^a Dr^a Patricia Lima Martins Pederiva

BRASÍLIA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

Beatriz da Silva Rezende

Educação e Contradições: uma reflexão sobre a dualidade entre os sentires

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em 03/05/2022.

Aprovada pela banca formada pelas professoras:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva – Presidente/Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas (FE/UnB)

Prof.^a Dr.^a Alessandra Marques Possebon
Educandário Humberto de Campos (EHC)

Prof.^a Angélica Luciani da Silva Bimbato
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)

Prof.^a Ma. Daiane Aparecida Araújo de Oliveira
Colégio CIMAN (suplente)

BRASÍLIA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nome: REZENDE, Beatriz.

Título: Educação e Contradições: uma reflexão sobre a dualidade entre os sentires

Orientadora Patrícia Lima Martins Pederiva. -- Brasília, 2022. 28 pp.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2022.

Palavras-chave: educação, contradição, sentimentos.

*A todos os sentimentos que
precisaram ser reprimidos e
controlados para poder caber.*

“Falar do dito não é apenas redizer o dito, mas reviver o vivido que gerou o dizer que agora, no tempo do redizer, de novo se diz. Redizer, falar do dito, por isso envolve ouvir novamente o dito pelo outro sobre ou por causa do nosso dizer.”

(Paulo Freire, Pedagogia da Esperança, 2021, p. 23)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Ana Lúcia e Fernando, pelo colo e cafuné. Sei que nenhum problema é grande demais quando vocês tão junto comigo. Vocês são a minha coragem e acolhimento pra enfrentar todas as coisas.

Agradeço à minha irmã Hanna, que é carinho e cuidado incondicionais. Você tá em tudo o que sou e faço. Não existe bibi sem hanhan.

Agradeço aos meus avós, Emílio e Valter, que sempre me enxergaram - e continuam enxergando - como realmente sou. Tudo que faço é pra deixar vocês orgulhosos de onde quer que estejam.

Agradeço às minhas avós, Anita e Teresinha, pelo exemplo de força, que pode e deve ser também sensível. Vocês são banho de mangueira em dia de sol e café quentinho no final da tarde.

Agradeço às minhas irmãs, Michelle e Christielle e aos demais amigos e familiares pelo carinho, apoio e pelas trocas que tivemos.

Agradeço aos meus melhores amigos, Isabela, Mariana, Rafael e Samuel, que são aconchego, casa e principalmente jardim. Vocês tão aqui desde quando consigo me lembrar e não quero e nem consigo pensar num cenário diferente.

Agradeço à Luciana por ser acolhimento em todas as coisas há tanto tempo. A gente é a poesia mais bonita que tem. Compartilhar a vida em cada detalhe com você é gostoso demais.

Agradeço à Maria Clara, minha parceira na educação e na vida. Agradeço o seu olhar sensível pra todas as coisas ao seu redor e, principalmente, agradeço por me permitir olhar, sentir e ser juntinha de você.

Agradeço aos grandes amigos do clubinho Bruno, Davi, Júlia, Larissa e Lênio, vocês são sorriso e felicidade sem fim. Agradeço por deixarem tudo mais leve e divertido.

Agradeço à professora Patrícia Pederiva, que desde o momento em que nos cruzamos naquela cachoeira, mudou e continua mudando meu olhar para a educação.

Agradeço aos amigos que fiz no Programa de Educação Tutorial, especialmente no PET Educação - UnB, por me acompanharem em tantas experiências - acadêmicas e não acadêmicas, principalmente - e me mostrarem, na prática e teoria, o que é educação.

Agradeço a todas as professoras e professores com que pude conviver e aprender tanto - e também às que ainda vou conhecer.

Agradeço às educandas e educandos que tive o prazer de conhecer e conviver. É impossível dimensionar o tanto que aprendi com vocês.

RESUMO

Este trabalho se propõe a refletir sobre a relação e conexão entre sentimentos tidos como opostos e a superação da sua dualidade. Para isso, a autora utiliza a metodologia de ensaio por meio da reflexão sobre as suas próprias experiências enquanto educadora e educanda. Como referenciais teóricos é dialogado principalmente com bell hooks, Paulo Freire e Vigotski. O trabalho está dividido de acordo com as seguintes contradições: sentir x não sentir; coragem x medo; esperança x desesperança. Trata-se de uma reflexão, ainda em andamento, com foco no acolhimento e na validação dos diferentes sentimentos nas diversas etapas dos processos educativos.

Palavras-chave: educação, contradição, sentimentos.

ABSTRACT

The present essay has as its main purpose to bring a reflection about the connection between feelings that are seen as opposites and the overcoming of their duality. For this, the author brings a reflection based on her own experiences as an educator and as a student. As its main theoretical reference, the author brings bell hooks, Paulo Freire and Vigotski. The work is divided into the following contradictions: to feel x not to feel, courage x fear, hope x hopelessness. This is a reflection, that is still in progress, that focuses on the welcoming and validation of different feelings throughout the many stages of the educational process.

Key-words: education, contradiction, feelings.

SUMÁRIO

Introdução	13
Parte I - Contradições	15
Parte II - Sentir X Não sentir	18
Parte III - Coragem X Medo	21
Parte IV - Esperança X Desesperança	24
Considerações Finais	26
Referências	27

INTRODUÇÃO

Estudei dos 2 aos 15 anos na mesma escola. As turmas costumavam ser bem pequenas, com no máximo uns 15 ou 20 alunos por série. Vários dessas e desses colegas me acompanharam por grande parte da minha trajetória. Para mim, a convivência e as relações eram tão próximas, que eu sentia que conhecia aquelas pessoas e aquele ambiente com a mesma propriedade que conhecia a mim própria. Escola, para mim, sempre foi um ambiente do conhecido.

Entrar na faculdade foi assustador. Era um ambiente e pessoas que eu nunca tinha visto. Foi confuso ver, pela primeira vez, a educação como um território novo. Eu imaginava que seria nesse ambiente que eu iria formar minhas concepções e conhecimentos, por isso, foi intrigante perceber que eu tinha um conceito de educação antes mesmo de entrar na faculdade de pedagogia. Mais interessante ainda foi perceber a maneira que essa definição mudou - e continua mudando.

Quando estava no 3º ou 4º semestre, comecei a questionar se havia, para mim, um lugar enquanto educadora. Nunca duvidei do meu lugar enquanto educanda, até porque essa é uma função que já é colocada como natural. Já ouvi várias vezes, enquanto criança, que tinha - e tenho ainda - muito a aprender. Não lembro de ter escutado que tinha muito a ensinar. Mas como posso separar o eu-que-aprende do eu-que-ensina? Precisei parar um pouco para perceber que não tenho como dividir esses dois “eus”. Agora, a Educação ocupa tanto espaço em mim que já não tenho como me separar dela. Mas ainda assim tenho muitos incômodos.

Me incomoda, por exemplo, um conceito de educação que se diz para todos e é feito de uma única forma, que não atende a diversidade e a pluralidade social. Me incomodam os métodos de avaliação, que quantificam o que não poderia ser quantificado: as experiências, percepções e conhecimentos de cada um. Me incomoda perceber essas - e outras - problemáticas e às vezes acreditar que não tem solução. Me incomoda, quando vejo um pouco de esperança, não acreditar que eu tenha os conhecimentos ou a coragem necessária para colocar em prática essas mudanças.

Pensar e fazer educação exige muita coragem, e eu nunca me senti uma pessoa muito corajosa. Coragem pro dia a dia até que eu tenho, para subir numa árvore alta ou pra experimentar alguma fruta que nunca tinha ouvido falar. Mas, viver, pensar e

repensar a educação sempre parece ser de uma responsabilidade tão grande, que me faz sentir pequena demais para conseguir contribuir de alguma forma.

Me pergunto como os teóricos, como Paulo Freire e bell hooks, conseguiram organizar suas palavras e pensamentos de forma a construir teorias que conseguem se aproximar de tantas pessoas e contextos. Eles relacionam a teoria com a prática e a prática com a teoria de uma maneira tão inseparável que, para mim, é quase impossível não se colocar como agente de uma prática educativa libertadora.

Segundo Paulo Freire (2019b), uma educação libertadora é aquela que une a ação e a reflexão, que é feita com as pessoas e não para as pessoas. Não existe educação sem o outro; sem as relações; sem o/a educadora-educanda e o/a educanda-educadora. Essa visão reconhece no e na educanda o potencial criador e transformador da realidade para a sua libertação.

Já bell hooks (2013), traz o conceito de uma pedagogia engajada baseada na autoatualização, que valoriza a expressão do e da educanda e a responsabiliza por seus próprios processos educativos. Dessa forma, não existe a possibilidade dos e das educadoras realizarem uma prática educativa opressora.

Essas e outras teorias, que estudei nesses anos de graduação me instigaram a pensar em como a educação não tem um fim: ela é sempre processo e continuidade. Não tenho como deixar de fora nenhum aspecto da vida dos e das educandas ou educadoras. Dessa forma, também não posso desconsiderar os sentimentos - tanto dos outros, como os meus próprios. Somos seres que se desenvolvem em integralidade.

Proponho, então, fazer aqui um ensaio sobre o que me move no pensar e fazer educação: **as contradições de sentimentos e pensamentos que compõem a minha prática educativa**. Quero entender esses pensamentos, por mais conflitantes que possam ser, como parte fundamental da construção do meu eu-educadora-educanda.

CONTRADIÇÕES

*“Suavemente pra poder rasgar
Olho fechado pra te ver melhor
Com alegria pra poder chorar
Desesperado pra ter paciência
Carinhoso pra poder ferir
Lentamente pra não atrasar
Atrás da vida pra poder morrer
Eu 'to me despedindo pra poder voltar”
Tom Zé (1976)¹*

O que costumamos entender por contradição? Parece ser sempre um ou o outro. 8 ou 80. E quando olhamos para a definição do dicionário Michaelis (2015)², essa distância entre os termos aumenta mais ainda:

1. Ato ou efeito de contradizer(-se); afirmação em contrário do que foi dito.
2. Incoerência entre afirmações atuais e anteriores, entre palavras e ações; antinomia, discrepância, incongruência.
3. Oposição entre duas proposições, das quais uma exclui necessariamente a outra.
4. Relação existente entre a afirmação e a negação de um mesmo elemento de conhecimento.
5. Afirmação e negação que não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo: *A teoria dele tem contradições que a invalidam por completo.*

Eu não concordo com a concepção de que, em uma contradição, um termo anula ou exclui o outro, principalmente quando estamos no campo do sentir. É inconcebível, para mim, tratar sentimentos antagônicos como incoerentes.

¹ Música “Tô”. Composição de Tom Zé e Elton Medeiros. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f4_HhejGaQg

² Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2015). Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

Eu sempre pensei em contradições. Como o choro pode ser de alegria. Como a chuva pode vir num dia de sol. Como o sim pode vir junto com o não. Como o silêncio pode ser tão barulhento. Gosto de pensar na educação como um espaço de contradições. Isso ajuda a dissolver as certezas.

O conceito de contradição que quero trazer aqui é a mistura das nuances e elementos que compõem e ficam entre os polos de uma oposição. É o movimento que permite que todas as partes do todo sejam consideradas e interligadas. Esse conceito é explicado pela dialética como princípio essencial da constituição humana (KONDER, 2008).

Possebon (2021) aponta que, sobre a concepção de contradição pela dialética hegeliana, é necessário

compreender a dialética não como confronto de ideias, em que um argumento aniquila outro, mas sim, como as contradições que tornam possível o movimento da história, da concepção de novos conhecimentos. (POSSEBON, 2021, p.88)

Lembro dos meus primeiros meses de UnB, em que a animação e a ansiedade preenchem toda a sala de aula. A cada atividade - dentro e fora da faculdade - era possível ver o envolvimento de cada um e uma de minhas colegas e professoras.

Com o passar dos semestres, esses sentimentos foram se dissipando, dando lugar a novas preocupações e dúvidas. Quando comecei a sentir essas angústias, meu primeiro instinto foi afirmar para mim mesma que tinha alguma coisa errada. Afinal, como poderia sentir essas frustrações, se esse era um espaço de tanta empolgação anteriormente? É difícil não pensar nas situações de forma absoluta, mesmo que exista tanta coisa entre o ser e não ser. Mais difícil ainda, nesse caso, foi conseguir acolher os vários lados dessa dualidade.

Reconhecer a possibilidade de sentir também aquilo que sempre me instruíram a reprimir - as tristezas, angústias, indignações, frustrações e outros sentimentos considerados negativos - transforma, para mim, o fazer educativo. Legitimar esses sentimentos como parte importante da minha vivência é fundamental para estabelecer o meu lugar de pertencimento na educação. Para Souza e Rezende (2019):

Pertencer, no que tange aos processos educativos, é sentir-se confortável para questionar e ser questionado; desafiar e ser desafiado; tudo isso de forma receptiva, aberta e dialogal. É construir com os outros, e consigo mesmo um espaço alegre de possibilidades. (SOUZA E REZENDE, 2019, p. 78)

Tem sido um exercício diário perceber que essas contradições não são tão contrárias quanto eu imaginava. Na verdade, me conforta bastante perceber como os sentimentos, por mais antagônicos que possam parecer, estão ligados entre si e são igualmente importantes na construção das minhas experiências e saberes. Quero sentir todas as partes desse processo.

Ainda é muito novo pra mim, perceber os ambientes educativos como espaços em que posso sentir. E é a partir dessa perspectiva que trago a contradição *sentir x não sentir* como parte importante da minha construção educativa.

SENTIR X NÃO SENTIR

Trago aqui a lembrança de quando era mais nova, por volta dos meus 13 anos, bem naquela época que começam os namoros de adolescência. Nessa época, no meio de toda a confusão de sentimentos que vem junto com essas relações, meus amigos diziam - mesmo que em tom de brincadeira - que eu não sentia nada. Diziam que como não manifestava o que estava pensando ou sentindo, deveria ser porque não havia nada então. E eu, depois de tanto ouvir isso, comecei a acreditar que não poderia mesmo sentir. E mesmo que sentisse não deveria demonstrar. “Não posso estar triste”. “Não posso estar frustrada”. “Não posso estar com raiva”. Mesmo que essas afirmações me machucassem, também não poderia sentir ou dizer. Então, o que posso demonstrar?

Relendo alguns registros que fiz em diários de alguns anos depois, quando já estava no ensino médio, me deparei com a seguinte escrita:

Eu sempre limitei o meu SENTIR

Não me permitia

Não reconhecia

Não manifestava

- Ou era o que eu pensava

*Até que chegou um momento em que eu tinha acumulado tanto em mim,
que já não era mais possível pensar que não existia nada.*

Meus sentimentos sempre estiveram ali. Mesmo que confusos, mesmo que inconstantes, mesmo não sendo o que esperavam que eu sentisse. A verdade é que nunca tive medo de sentir, mas tinha muito medo de como reagiriam ao meu sentir. O que posso demonstrar?

Se a gente transferir esse raciocínio para a sala de aula, podemos perceber que alguns sentimentos são permitidos - e até encorajados - enquanto outros precisam ser reprimidos. Posso - e devo - ficar animada quando tem um passeio e vamos conhecer um lugar novo, mas não posso ficar frustrada quando tiram tempo do recreio como forma de punição porque risquei a mesa da biblioteca. Por que o meu sentir, em uma

das situações era certo e o outro errado? Quem determina isso? O que posso demonstrar?

Sobre a validação dos sentires no ambiente educativo, que reconhece os sentimentos independentemente de serem considerados bons ou ruins, Vigotski (2001) aponta que:

Por isso, para o professor não deve haver emoções inaceitáveis ou indesejáveis. Pelo contrário, ele sempre deve partir dos sentimentos chamados de inferiores e egoístas, os mais primários, básicos e intensos e, com base nesses sentimentos, assentar as bases da construção emocional da personalidade (...)

Por esse motivo, a divisão dos sentimentos em inferiores e superiores, egoístas e altruístas deve desaparecer, pois todos os sentimentos podem ser orientados pelo educador para qualquer lado e podem ser conectados a qualquer tipo de estímulo. (VIGOTSKI, 2001, p. 120).

Quantas vezes já escutamos relatos do tipo: “tal criança é tão boazinha! Ela nunca chora” ou “nossa, mas a filha de fulano é muito educada! Ela nunca questiona os pais!”. Ter *boas maneiras* nesses e em outros contextos representa repressão de sentimentos. Mas o que esses sentimentos causariam de tão conflituoso? Por que a criança que chora ou que contesta os pais representa um perigo tão grande? O que fazemos com esse choro e esses questionamentos contidos? Será que quando não demonstramos estamos deixando de sentir?

Para Vigotski (2001), é possível associar essa repressão de sentimentos como forma de mecanismo para o controle de relações na socialização:

No sistema do comportamento, as emoções desempenham o papel de órgãos rudimentares que, em sua época, tiveram grande importância, mas que agora, devido à modificação das condições de vida, estão condenadas a se extinguir e representam um elemento desnecessário, e por vezes nocivo, dentro do sistema do comportamento. (VIGOTSKI, 2001, p. 116)

Foucault (1987) também aborda o uso da disciplina como forma de dominação dos corpos. Ao mesmo tempo que é potencializada a força para utilidade desses corpos, a sua força de reação política e de criticidade é inviabilizada. Para ele, a disciplina:

dissocia o poder do corpo, faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeito estrita. (FOUCAULT, 1987, p. 165)

Portanto, para mim, esse condicionamento dos corpos e dos sentimentos é manifestado com base no medo. Existe a premissa de uma ameaça de punição todas as vezes que sequer pensamos em sentir ou agir diferente do que nos é imposto como certo. Partindo dessa condição, proponho uma segunda contradição: *coragem x medo*.

CORAGEM X MEDO

*“Tenho medo de parar e medo de avançar
Tenho medo de amarrar e medo de quebrar
Tenho medo de exigir e medo de deixar
Medo que dá do medo que dá.”*
Lenine (2006)

Eu me lembro bem daquela sensação de esperar a entrega de uma prova. Lembro do frio na barriga constante cada vez que diziam um nome até chegar a minha vez. Lembro mais ainda do medo de receber uma nota ruim. Agora me pergunto o porquê desse medo. Seria o medo da punição? Ou o medo de errar e ser chamada de burra? Ou talvez o medo da frustração em me decepcionar ou decepcionar os outros - minhas professoras ou meus pais, por exemplo. Nessa situação eu não tinha muita escolha, mesmo com medo, quando chamavam meu nome, eu tinha que ir. Não sei se era pela coragem ou pela obrigação, mas eu ia.

Não existe coragem sem medo. Se eu não tenho medo de altura, não preciso de coragem para subir num prédio alto e olhar a paisagem lá de cima. Eu simplesmente iria. Mas parece tão mais valioso subir nesse prédio justamente por ser um desafio. Ao mesmo tempo, se eu não subisse, não poderia ver o mundo todo pequenininho na minha frente. O medo afeta a gente. Às vezes nos move, e em outras paralisa completamente.

Desde quando entrei na graduação sinto medo. Sinto medo de não ter encontrado meu lugar como educadora. Sinto medo de não conseguir ser coerente na prática com a educação que acredito enquanto teoria. E esse medo, que tantas vezes já me impediu de agir, vem se transformando, aos poucos, em coragem de pensar em uma educação transformadora e emancipadora. Encontro muito conforto nas palavras de Paulo Freire (1986) quando ele diz que:

Antes de mais nada, reconhecemos que é normal sentir medo. Sentir medo é uma manifestação de que estamos vivos. Não tenho que esconder meus temores. Mas, o que não posso permitir é que meu medo seja injustificado, e que me imobilize. Se estou seguro do meu sonho político, então uma das condições para continuar a ter esse sonho é não me imobilizar enquanto caminho para sua realização. E o medo pode ser paralisante. Neste momento, estou tentando ser didático na interpretação desse problema. Agora, estou reconhecendo o direito de sentir medo. Entretanto, devo estabelecer os limites para “cultivar” o meu medo (rindo). Cultivá-lo significa aceitá-la. (FREIRE E SHOR, 1986, p. 39)

Se como educandos já não temos espaço para errar, sinto que como educadores temos menos ainda. E quais são as consequências do medo de errar?

Lembro de uma situação quando estava estagiária de uma escola pública de Ensino Fundamental I, em que uma professora estava corrigindo uma tarefa de matemática chamando os alunos no quadro para fazer as questões que eles já tinham feito no caderno sozinhos. A professora foi lendo as questões aos poucos e parando no meio para as crianças montarem e resolverem o cálculo. Em uma das resoluções, ela se confundiu e leu a questão de forma que a conta e o resultado deram diferentes do exercício, e quando ela foi questionada por um dos alunos, ela negou que tinha errado e rebateu dizendo “eu queria saber quem ia perceber, hein?”.

Me incomodou muito essa negação do erro. Me pareceu violento com as crianças, e com ela mesma, essa impossibilidade de errar - e ser corrigida pelas crianças, principalmente -.

Nessa mesma turma, tinha um educando muito tímido, e que a cada item de cada atividade que era passada ele me chamava pra perguntar se o que ele tinha escrito estava certo. E eu ia até ele todas as vezes, líamos e resolvíamos as questões juntos. Em uma das situações que ele me chamou para mostrar a resposta, ele disse logo em seguida: “eu sei tudo isso, né? Mas é que eu quero ter certeza de que não vou errar”.

Essa situação me fez pensar bastante sobre a cobrança que é feita sobre os educandos e a forma como esta repercute na confiança e no emocional deles. Foi muito difícil vê-lo duvidando do que já sabia, por medo da punição e do erro.

Quando não admitimos, enquanto educadores e educadoras que podemos errar, mas colocamos como parte da nossa prática apontar e “corrigir” todas as vezes que nossos educandos erram, estamos reforçando a relação de dominação do educador sobre o educando. Estamos afirmando que nós enquanto professores somos os detentores de todos os conhecimentos - e por isso não erramos - enquanto nossos alunos, por não saberem nada, têm o erro como parte do processo educativo.

Quando nos colocamos nos processos educativos abertos para o diálogo, na relação com os e as educandas, abrimos possibilidade para validar nossos sentires e ações. Dessa forma, podemos acolher nossos medos e erros enquanto acolhemos os medos e erros dos educandos. Paulo Freire (2019b), afirma que:

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2019b, p. 109)

As primeiras frases e ideias desta parte estão aqui desde quando iniciei o processo de escrita do TCC, há pouco mais de dois meses. Mas tem sido justamente o medo de não fazer um trabalho bom o suficiente que tem dificultado tanto o processo. O medo acompanha cada linha que escrevo aqui, da mesma forma como a coragem vem junto, para possibilitar que as palavras ganhem forma e significado.

E é entre as alternâncias de medo e coragem que sinto no meu pensar e fazer educação que proponho a última contradição: *esperança x desesperança*.

ESPERANÇA X DESESPERANÇA

Escrever, ter e pensar sobre esperança sempre foi um desafio para mim. Lidar com essa dificuldade ou, até mesmo, sentir desesperança, é mais doloroso ainda. Mesmo assim, me proponho aqui a fazê-lo.

Sempre me disseram que ter esperança é acreditar. Eu acredito muito na educação. Acredito que ela é transformadora. Acredito que ela é potência. Acredito que ela pode ser carinho e acolhimento.

Mas como eu posso ter esperança e acreditar em uma educação que tantas vezes é violenta? Que desconsidera e invalida tantos corpos? Como eu posso ter esperança se a minha própria prática é, por tantas vezes, violenta e incoerente?

Nessa última parte, não quero falar apenas sobre o que eu acredito. Quero falar da angústia que vem do não acreditar. Quero falar da frustração que vem de acreditar em algo que parece muito distante de se tornar realidade.

Desde que entrei na graduação experimento a dualidade de ter esperança e desesperança em educações que acredito e educações que presencio na realidade. Lembro bem de quando comecei a ver mais problemas do que soluções na pedagogia. Quando as consequências das ações e processos pedagógicos já não pareciam compensar todo o trabalho que é fazer e pensar educação de forma coerente, afetiva e responsável.

No entanto, tenho esperança quando consigo acolher os meus sentimentos e os dos outros. Quando consigo escutar e ser ouvida. Quando consigo trazer significado para mim e para os educandos sobre os processos educativos que construímos juntas e juntos.

Mas também tenho desesperança quando presencio formas de educação que quantificam e qualificam de forma desigual as e os educandas. Quando frente às dificuldades e hierarquias presentes na estrutura do nosso sistema educacional sinto que não tem nada que eu possa fazer para mudar essas situações.

Porém, de alguma forma, sinto que a desesperança alimenta a esperança que tenho na educação. Que o não acreditar gera uma indignação, que vira inconformidade com a realidade que volta a cultivar a esperança e a luta pela mudança. Integro essa ideia com o que diz Paulo Freire (2019a) em:

Está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade. (FREIRE, 2019a, p. 41)

A necessidade que senti de trazer a raiva e a desesperança como elementos para uma educação esperançosa vem da raiva não enquanto agressividade e violência, mas sim como inconformidade e vontade de fazer diferente. E é a partir dessa força que tenho sentido vontade de me movimentar e continuar pensando e vivendo a educação que acredito.

Este ensaio, enquanto espaço de acolhimento de indignações e angústias, é também esperançoso e desesperançoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir esse trabalho foi, para mim, viver e experimentar todas essas contradições que citei anteriormente. Esse exercício me fez sentir e não sentir, me fez ter coragem e medo e também esperança e desesperança. Ter espaços como estes para validar e nomear tantos sentires transforma a minha prática educativa.

Mesmo agora, após concluir esse ensaio, continuo sentindo tudo. Não é porque pude identificar tantas contradições que preciso, de alguma forma, resolvê-las. Espero continuar sentindo e, sobretudo, acolhendo minhas experiências e sentimentos que formam o meu fazer e viver educação. Maria Clara Oliveira (2021) diz que:

Ao entendermos as relações, os afetos e as emoções como parte integrante e indissociável do fazer pedagógico, o potencializamos. O afeto e os encontros, tais quais a educação, são políticos. É impossível nos esvaziarmos de politicidade (o esvaziamento, por si só, é ato político). Quando priorizamos uma pedagogia do sentir e dos processos, somos resistência(...)

Nos encontramos no emaranhado dos sentires e é daí que nascemos e renascemos todos os dias. É daí que, coletivamente, construímos uma educação que resiste, que combate, que acolhe, que ampara, que bagunça dentro e organiza só para poder bagunçar de novo. (OLIVEIRA, 2021, p. 29)

Este e outros escritos - que ainda estão por vir - são continuidade de um processo que começou muito antes de me dar conta de que estava passando por ele. Acolher, sentir e lutar pelo reconhecimento desses sentires de forma responsável e afetiva é me colocar vulnerável para experimentar e viver essas e outras tantas contradições. E quero continuar sentindo.

REFERÊNCIAS

CONTRADIÇÃO. *In: Michaelis Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=n1ZE>. Acesso em: 19/04/2022 às 14:55.

FREIRE, P. e SHOR, I. **Medo e Ousadia: O cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KONDER, L. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

LENINE. **Miedo**. *In: Acústico MTV*, 2006.

OLIVEIRA, Maria Clara. **Parar para observar, aprender a aprender, me abrir para sentir: os encontros na vida-educação**. Orientadora: Patrícia Pederiva. TCC - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

POSSEBON, Alessandra. **Dialética do Educar: Contradições e superações de uma prática educativa transformadora - A experiência do Educandário Humberto de**

Campos. Orientadora: Patrícia Pederiva. Dissertação (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SOUZA, Fernanda e REZENDE, Beatriz. **A Educação na Vida e a Vida na Educação**. Espaços de Pertencimento: uma reflexão sobre caminhos educativos. Brasília: Pedro e João, 2019.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: ARTMED, 2001.

ZÉ, T. **Tô**. In: Estudando o samba. 1976.